

Introdução

Capítulo 1 *Introdução à Teoria da
Personalidade* 2

Introdução à Teoria da Personalidade

◆ O que É Personalidade?

◆ O que É uma Teoria?

Definição de Teoria

Teoria e Termos de Natureza Similar

Por que Existem Diferentes Teorias?

Teóricos da Personalidade e suas Teorias

O que Torna uma Teoria Útil?

◆ Dimensões para um conceito de Humanidade

◆ Pesquisa sobre Teoria da Personalidade

◆ Termos e Conceitos Essenciais



O que leva as pessoas a se comportar da forma como o fazem? Será que as pessoas têm algum poder de escolha no processo de moldagem de sua própria personalidade? O que responde pelas semelhanças e diferenças entre as pessoas? O que faz os indivíduos agirem de formas previsíveis? Por que são imprevisíveis? Existem forças ocultas, inconscientes, que controlam o comportamento das pessoas? O que causa os distúrbios mentais? O comportamento humano é moldado mais pela hereditariedade ou pelo ambiente?

Durante séculos, filósofos, teólogos e outros pensadores têm se feito essas perguntas à medida que ponderam acerca da natureza humana — ou mesmo sobre os homens possuírem uma natureza básica. Até um período relativamente recente, grandes pensadores haviam conseguido poucos avanços na descoberta de respostas satisfatórias para estas questões. Há pouco mais de 100 anos, no entanto, Sigmund Freud começou a combinar especulações filosóficas com um método científico primitivo. Como um neurologista interessado em fatos empíricos, Freud passou a ouvir os pacientes a fim de descobrir quais conflitos ocultos escondiam-se por trás do leque de sintomas. “Ouvir tornou-se, para Freud, mais do que uma arte: tornou-se um método, uma estrada privilegiada para o conhecimento que seus pacientes haviam mapeado para ele” (Gay, 1988, p. 70).

O método de Freud tornou-se gradualmente mais científico à medida que ele formulava hipóteses e verificava sua viabilidade, comparando-as às suas experiências clínicas. Da combinação entre especulação e evidência clínica, Freud desenvolveu a primeira teoria moderna da personalidade. Posteriormente, um grande número de homens e mulheres formulou teorias da personalidade — algumas baseadas essencialmente em especulações filosóficas; outras, principalmente, em evidência empírica, mas todas utilizaram alguma combinação de ambas. Na verdade, este capítulo demonstra que uma teoria útil pode ser baseada *tanto* em evidência científica *quanto* em uma especulação intuitiva controlada.

O que É Personalidade?

Os psicólogos discordam acerca do significado da personalidade. A maior parte concorda que a palavra “personalidade” teria se originado do latim *persona*, que se refere a uma máscara teatral utilizada pelos atores romanos na encenação de dramas gregos. Os antigos atores romanos usavam uma máscara (*persona*) para desempenhar um papel ou obter uma falsa aparência. Esse ponto de vista superficial obviamente não é uma definição aceitável. Quando os psicólogos usam o termo “personalidade”, estão se referindo a algo além dos papéis desempenhados pelas pessoas.

Contudo, os teóricos da personalidade não concordaram a respeito de uma definição única de personalidade. De fato, desenvolveram teorias exclusivas e vitais porque não conseguiam alcançar um consenso com relação à natureza da humanidade e porque cada um via a personalidade de acordo com um ponto de referência individual. Os teóricos discutidos neste livro são de diversas origens. Alguns nasceram e viveram na Europa por toda a vida; outros nasceram na Europa, mas migraram para outras partes do mundo, especialmente para os Estados Unidos; outros, nasceram na América do Norte e lá permaneceram. Muitos foram influenciados por experiências religiosas na juventude. A maioria é formada em psiquiatria ou psicologia. Vários deles utilizaram suas experiências como psicoterapeutas; outros se basearam mais na pesquisa empírica para coletar dados sobre a personalidade humana. Embora todos tenham lidado de alguma forma com aquilo que chamamos personalidade, cada um abordou esse conceito global com base em uma perspectiva diferente. Alguns tentaram construir uma teoria abrangente; outros foram menos ambiciosos e se ativeram apenas a alguns aspectos da personalidade. Poucos teóricos da personalidade a definiram formalmente, embora todos possuíssem seu próprio conceito sobre ela.



Não existem duas pessoas, nem mesmo gêmeos idênticos, que tenham exatamente a mesma personalidade.

Embora nenhuma definição seja consenso entre todos os teóricos, podemos dizer que a **personalidade** é um padrão de traços relativamente permanentes e de características singulares, que confere, ao mesmo tempo, consistência e individualidade ao comportamento de uma pessoa. Os **traços** contribuem para a existência das diferenças de comportamento, de consistência comportamental ao longo do tempo e de estabilidade de comportamento em meio às situações. Os traços podem ser únicos, comuns para alguns grupos ou compartilhados por espécies inteiras, mas seu *padrão* é diferente para cada indivíduo. Dessa forma, cada pessoa, embora semelhante a outras em muitos aspectos, possui uma personalidade exclusiva. As **características** são qualidades singulares de um indivíduo, que incluem atributos como temperamento, psique e inteligência.

O que É uma Teoria?

A palavra “teoria” apresenta a particularidade ambígua de ser um dos termos mais mal-utilizados e mal compreendidos da nossa língua. Algumas pessoas crêem que a teoria se opõe a uma verdade ou a um fato, mas essa antítese demonstra a total falta de compreensão acerca dos três termos. Em ciência, as teorias são instrumentos utilizados para produzir pesquisa e organizar observações, mas nem “verdade” ou “fato” tem lugar na terminologia científica.

Definição de Teoria

Uma **teoria** científica é um conjunto de pressupostos relacionados que permite aos cientistas utilizar o raciocínio lógico-dedutivo para a formulação de hipóteses testáveis. Esta definição necessita de mais esclarecimentos. Em primeiro lugar, uma teoria é um conjunto

de pressupostos. Um simples pressuposto nunca poderá preencher todos os requisitos de uma teoria adequadamente. Um pressuposto, por exemplo, pode não servir para agrupar diversas observações, algo que uma teoria útil deveria fazer.

Em segundo lugar, uma teoria é um conjunto de pressupostos *relacionados*. Pressupostos isolados não são capazes de gerar hipóteses significativas e tampouco apresentam consistência interna — dois critérios imprescindíveis para uma teoria útil.

Uma terceira palavra-chave na definição é *pressupostos*. Os componentes de uma teoria não são fatos provados, no sentido de que sua validade foi absolutamente estabelecida. São, no entanto, aceitos *como se* fossem verdadeiros. Essa é uma etapa prática, definida para que os cientistas possam conduzir pesquisas úteis, cujos resultados continuarão a elaborar e a alterar a teoria original.

Em quarto lugar, o *raciocínio lógico-dedutivo* é utilizado pelo pesquisador para formular hipóteses. Os fundamentos de uma teoria devem ser afirmados com precisão e consistência lógica suficientes para permitir aos cientistas deduzir e estabelecer hipóteses de forma clara. As hipóteses não são componentes da teoria, mas decorrem dela. É função de um cientista criativo iniciar com uma teoria geral e, por meio de raciocínio dedutivo, chegar a uma hipótese particular que possa ser testada. Se as proposições teóricas gerais forem ilógicas, permanecerão estéreis e incapazes de produzir hipóteses. Além disso, se um pesquisador utilizar uma lógica falha na dedução de hipóteses, a pesquisa resultante será desprovida de sentido e não dará nenhuma contribuição ao processo contínuo de construção de teorias.

A parte final da definição inclui a característica *testável*. Uma hipótese só terá valor se puder ser testada. Ela não precisa ser testada imediatamente, mas deve sugerir a possibilidade de que os pesquisadores, no futuro, possam desenvolver os meios necessários para tal.

Teoria e Termos de Natureza Similar

As pessoas, algumas vezes, confundem teoria com filosofia, especulação, hipótese ou taxonomia. Embora o termo “teoria” esteja relacionado a cada um destes conceitos, ela não pode ser tomada como um deles.

Filosofia

Em primeiro lugar, a teoria está relacionada à filosofia, mas trata-se de um termo muito mais restrito. Filosofia significa amor pela sabedoria, e os filósofos são pessoas que buscam a sabedoria por meio do pensamento e do raciocínio. Os filósofos não são cientistas; eles não costumam conduzir estudos científicos controlados na sua busca por sabedoria. A filosofia abrange diversos ramos, um dos quais é a **epistemologia**, ou a natureza do conhecimento. A teoria relaciona-se mais intimamente a este ramo da filosofia, pois é um instrumento utilizado por cientistas em sua procura por conhecimento.

As teorias não lidam com o modo como as coisas “poderiam” ou “deveriam” ser. Desta forma, um conjunto de princípios sobre a forma pela qual um indivíduo deveria viver não pode ser uma teoria. Tais princípios envolvem valores e constituem o objeto de preocupação da filosofia. Embora as teorias não estejam isentas de valores, elas são construídas sobre evidência científica obtida de maneira relativamente neutra. Sendo assim, não há teorias sobre as razões pelas quais as sociedades deveriam auxiliar seus moradores de rua ou sobre os elementos que caracterizariam uma obra de arte.

A filosofia lida com a forma como as coisas poderiam ou deveriam ser; a teoria não. A teoria lida com um amplo conjunto de afirmações sobre *causa* e *conseqüência*, mas um

juízo de valor positivo ou negativo sobre os resultados desta teoria situa-se além de seu escopo. Uma teoria, por exemplo, poderá nos dizer que, na eventualidade de as crianças serem criadas em um ambiente de isolamento, completamente separadas do contato humano, então não desenvolverão linguagem humana, exibirão os comportamentos daqueles que os criaram e assim por diante. Contudo, essa constatação nada afirma sobre a moralidade desta forma de criar crianças.

Especulação

Em segundo lugar, as teorias baseiam-se em especulação, mas são muito mais do que mera especulação. Não surgem da mente de um grande pensador independentemente de observações empíricas. Elas estão profundamente ligadas à coleta empírica de dados e à ciência.

Qual é a relação entre teoria e ciência? A **ciência** é o ramo de estudos relacionados à observação e classificação de dados e à verificação de leis gerais por meio do teste das hipóteses. As teorias são ferramentas úteis empregadas por cientistas para dar sentido e ordem às observações. Além disso, as teorias proporcionam um campo fértil para a produção de hipóteses testáveis. Sem nenhum tipo de teoria para agrupar as observações e para apontar direções a possíveis pesquisas, a ciência ficaria extremamente prejudicada.

As teorias não são fantasias inúteis criadas por acadêmicos sem senso prático, com receio de se comprometer com os mecanismos da investigação científica. De fato, as próprias teorias são bastante práticas e essenciais para o avanço de qualquer ciência. A especulação e a observação empírica são dois pilares essenciais para a construção de teorias, mas a especulação não deve vagar indiscriminadamente, adiantando-se à observação controlada.

Hipótese

Embora a teoria seja um conceito mais restrito do que a filosofia, ela é mais ampla do que a hipótese. Uma boa teoria é capaz de produzir muitas hipóteses. Uma **hipótese** é uma suposição ou uma predição suficientemente específica para que sua validade seja testada pela utilização do método científico. Uma teoria é muito geral para prestar-se a uma verificação direta, mas uma única teoria abrangente é capaz de gerar milhares de hipóteses. As hipóteses, portanto, são mais específicas do que as teorias que as ensejam. A criação, contudo, não deve ser confundida com o criador.

Obviamente, há uma relação estreita entre uma teoria e uma hipótese. Utilizando o *raciocínio dedutivo* (partindo-se do ponto mais geral para o mais específico), um pesquisador científico pode derivar hipóteses testáveis com base em uma teoria útil e, então, testar essas hipóteses. Os resultados dos testes — caso reforcem ou refutem a hipótese — realimentam a teoria. Utilizando o *raciocínio indutivo* (partindo-se do ponto mais específico na direção do mais geral), o pesquisador altera a teoria para refletir estes resultados. À medida que uma teoria cresce e se modifica, outras hipóteses podem ser obtidas com base nela e, quando testadas, *estas hipóteses*, por sua vez, modificarão a teoria.

Taxonomia

A **taxonomia** é a classificação das coisas de acordo com suas relações naturais. É parte essencial ao desenvolvimento das ciências porque, sem a classificação de dados, a ciência não poderia desenvolver-se. A simples classificação, no entanto, não constitui uma teoria.

Contudo, as taxonomias podem transformar-se em teorias quando começam a produzir hipóteses testáveis e a explicar os resultados de pesquisas. Robert McCrae e Paul Costa por exemplo, iniciaram sua pesquisa pela classificação das pessoas em cinco traços permanentes de personalidade. Posteriormente, essa pesquisa sobre a taxonomia dos Cinco Grandes Fatores foi além de uma mera classificação; tornou-se uma teoria, capaz de sugerir hipóteses e de oferecer explicações para os resultados de pesquisas.

Por Que Existem Diferentes Teorias?

Se as teorias da personalidade são verdadeiramente científicas, por que existem tantas teorias diferentes? Existem porque a própria natureza da teoria permite ao teórico que realize especulações de acordo com um ponto de vista particular. Os teóricos devem manter a maior objetividade possível na coleta de dados, mas decidir que tipo de dados coletar e qual a forma de interpretá-los são decisões pessoais. As teorias não são leis imutáveis; elas são construídas, não sobre fatos provados, mas sobre pressupostos sujeitos a uma interpretação individual.

Todas as teorias são o reflexo de seus autores: de sua história pessoal, das experiências da infância, da filosofia de vida, dos relacionamentos interpessoais e da maneira singular de olhar para o mundo. Uma vez que essas interpretações sejam matizadas pela perspectiva do indivíduo observador, percebe-se que há muitas e variadas teorias. Apesar disso, a existência de teorias divergentes pode ser útil. A utilidade de uma teoria não depende apenas de seu valor de senso comum ou da sua concordância com outras teorias; ao contrário, depende de sua capacidade de produzir pesquisa e de explicar os dados da pesquisa, bem como outras observações.

Teóricos da Personalidade e suas Teorias

Considerando-se que as teorias da personalidade desenvolvem-se a partir das personalidades de seus criadores, um estudo delas parece apropriado. Nos últimos anos uma subdisciplina da psicologia, chamada **psicologia da ciência**, começou a investigar os traços pessoais dos cientistas. A psicologia da ciência estuda tanto a ciência quanto o comportamento dos cientistas, ou seja, ela investiga o impacto dos processos psicológicos e das características pessoais de um cientista, em termos do desenvolvimento de suas teorias e pesquisas científicas (Feist, 1993, 1994; Feist e Gorman, 1988; Gholson, Shadish, Neumyer e Houltz, 1989). Em outras palavras, a psicologia da ciência examina a forma pela qual as personalidades, os processos cognitivos, o histórico de desenvolvimento e as experiências sociais dos cientistas afetam o tipo de ciência que realizam e as teorias que criam. De fato, diversos investigadores (Hart, 1982; Johnson, Germer, Efran e Overton, 1988; Simonton, 2000; Zachar e Leong, 1992) demonstraram que as diferenças de personalidade influenciam a orientação teórica dos indivíduos, bem como a sua propensão para um lado mais “fácil” ou “difícil” de uma disciplina.

Uma compreensão das teorias da personalidade baseia-se nas informações referentes aos mundos histórico, social e psicológico de cada teórico na época em que desenvolveram suas teorias. Uma vez que acreditamos que as teorias da personalidade refletem a personalidade do teórico, incluímos uma quantidade substancial de informações sobre cada um deles. As diferenças de personalidade entre eles, de fato, respondem por diferenças fundamentais entre aqueles que se inclinam na direção da psicologia quantitativa (behavioristas, teóricos do aprendizado social e teóricos de traços)

e aqueles voltados aos aspectos clínicos e qualitativos da psicologia (psicanalistas, humanistas e existencialistas).

Embora a personalidade de um teórico molde parcialmente sua teoria, ela não deveria ser o seu único determinante. Do mesmo modo, sua aceitação de uma ou de outra teoria não deveria basear-se somente em seus valores e em suas predileções pessoais. Ao avaliar e escolher uma teoria, você deve reconhecer o impacto da história pessoal do teórico, mas deverá avaliá-la, em última instância, com base em critérios científicos independentes desta história pessoal. Alguns observadores (Feist, 2005; Feist e Gorman, 1998) estabeleceram uma distinção entre *ciência como processo* e *ciência como produto*. O processo científico pode ser influenciado pelas características pessoais do cientista, mas a utilidade final do produto científico é e deve ser avaliada independentemente do processo. Assim, sua avaliação de cada uma das teorias apresentadas neste livro deve basear-se mais em critérios objetivos do que em suas preferências subjetivas.

O que Torna uma Teoria Útil?

Uma teoria útil apresenta uma interação dinâmica com os dados de pesquisa. Primeiro, uma teoria produz inúmeras hipóteses que podem ser investigadas por meio de pesquisa, fornecendo, assim, novos dados. Este fluxo de dados retorna à teoria e a modifica. A partir desta nova teoria, remanejada, os cientistas podem extrair outras hipóteses, o que leva a mais pesquisas e a dados adicionais, os quais, por sua vez, tornarão a modificar novamente e a ampliar a teoria ainda mais. Este relacionamento cíclico mantém-se enquanto a teoria continuar a se mostrar útil.

Em segundo lugar, uma teoria útil organiza os dados de pesquisa em uma estrutura significativa e proporciona uma explicação para os resultados de pesquisas científicas. O relacionamento entre teoria e dados de pesquisa é mostrado na Figura 1.1. Quando uma teoria não é mais capaz de produzir pesquisa adicional ou de explicar dados de pesquisa a ela relacionados, perde sua utilidade e é descartada em favor de uma teoria mais útil.

Além de fomentar a pesquisa e explicar seus dados, uma teoria útil deve prestar-se à confirmação ou à refutação, oferecer ao profissional um guia para ação, ser consistente consigo mesma e ser o mais simples possível. Dessa forma, avaliamos cada uma das teorias apresentadas neste livro com base em seis critérios. Uma teoria útil deve: (1) produzir pesquisa, (2) ser refutável, (3) organizar dados, (4) direcionar ações, (5) ser consistente em seu conteúdo e (6) ser parcimoniosa.

Produzir Pesquisa

O critério mais importante de uma teoria útil é sua capacidade de estimular e orientar pesquisas posteriores. Sem uma teoria adequada para apontar o caminho, grande parte das descobertas científicas empíricas da atualidade teria permanecido oculta. Em astronomia, por exemplo, o planeta Netuno foi descoberto porque a teoria do movimento gerou a hipótese de que a irregularidade na trajetória de Urano deveria ser causada pela presença de outro planeta. Uma teoria útil proporcionou aos astrônomos um guia que os conduziu em sua busca e na descoberta do novo planeta.

Uma teoria útil deve produzir dois tipos diferentes de pesquisa: pesquisa descritiva e verificação de hipóteses. A *pesquisa descritiva*, a qual pode expandir uma teoria existente, ocupa-se da mensuração, da conceituação e da classificação das unidades utilizadas na construção da teoria. A pesquisa descritiva tem uma relação simbiótica com a teoria. Por um

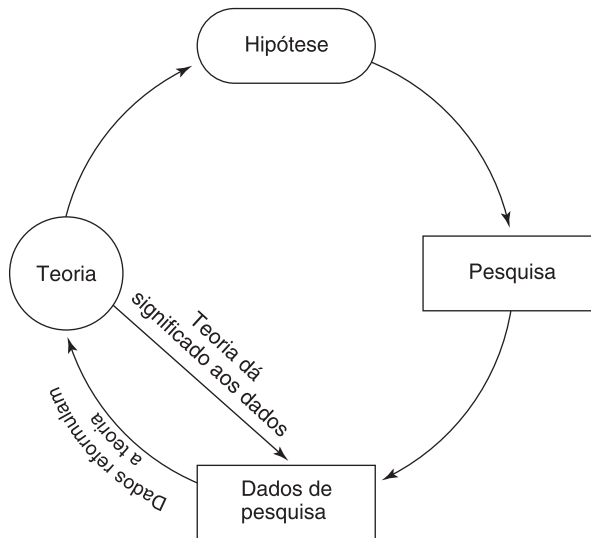


FIGURA 1.1 *Interação entre Teoria, Hipótese, Pesquisa e Dados de Pesquisa.*

lado, ela oferece os elementos construtivos para a teoria; por outro, recebe o impulso de uma teoria dinâmica e em expansão. Quanto mais útil for a teoria, mais pesquisa será produzida por ela; quanto maior a quantidade de pesquisa descritiva, mais completa será a teoria.

O segundo tipo de pesquisa produzida por uma teoria útil, a *verificação de hipóteses*, leva a um exame indireto da utilidade de uma teoria. De acordo com o que apontamos anteriormente, uma teoria útil produzirá muitas hipóteses que, quando testadas, se somarão a uma base de dados que poderá remodelar e ampliar a teoria (ver novamente a Figura 1.1).

Ser Refutável

Uma teoria também pode ser avaliada pela sua capacidade de confirmação ou retificação, ou seja, deve ser **refutável**. Para ser refutável, uma teoria deve mostrar-se suficientemente precisa para sugerir uma pesquisa que possa tanto apoiar como deixar de apoiar suas bases de sustentação. Se uma teoria for tão vaga e nebulosa de modo que os resultados de pesquisa, tanto positivos quanto negativos, passam a ser interpretados como se lhe prestassem apoio, a teoria não é refutável e deixa de ser útil. A qualidade de ser refutável, no entanto, não é idêntica à qualidade de ser falsa; isto apenas significa que resultados de pesquisa negativos rejeitarão a teoria e obrigarão o teórico a descartá-la ou modificá-la.

Uma teoria refutável responsabiliza-se por resultados experimentais. A Figura 1.1 descreve uma conexão circular e mutuamente motivadora existente entre teoria e pesquisa; cada uma delas reforça a outra. A ciência distingue-se da não-ciência por sua habilidade de rejeitar idéias que não têm base empírica, ainda que pareçam lógicas e racionais. Aristóteles, por exemplo, utilizava a lógica para argumentar que corpos mais leves caíam a uma velocidade mais baixa do que os corpos mais pesados. Embora seu argumento pudesse estar de acordo com o “senso comum”, ele tinha um problema: estava empiricamente errado.

Teorias que têm base sólida em transformações não observáveis no inconsciente são extremamente difíceis de serem verificadas ou refutadas. A teoria de Freud, por

exemplo, sugere que muitas das emoções e dos comportamentos são motivados por tendências inconscientes, que são diretamente opostas àquelas que expressamos. O ódio inconsciente, por exemplo, pode ser expresso como um amor consciente, ou o medo inconsciente de um indivíduo pela própria homossexualidade pode assumir a forma de uma hostilidade exagerada contra homossexuais. Como a teoria de Freud afirma que estas transformações ocorrem no interior do inconsciente, ela é praticamente impossível de ser verificada ou de ser provada como falsa. Uma teoria que não pode explicar tudo não explica coisa nenhuma.

Organizar Dados

Uma teoria útil deve ser capaz de organizar dados de pesquisa que são compatíveis entre si. Sem organização ou classificação, as descobertas das pesquisas permanecerão isoladas e sem sentido. A menos que os dados sejam organizados em uma estrutura inteligível, os cientistas permanecerão sem direção clara para seguir em sua busca de conhecimentos. Eles não podem formular questões inteligentes sem uma estrutura teórica que organize tais informações. Sem questões inteligentes, as pesquisas posteriores ficarão seriamente restritas.

Uma teoria da personalidade útil deve ser capaz de integrar o que se conhece atualmente sobre o comportamento humano e o desenvolvimento da personalidade. Ser capaz de moldar a maior quantidade de informação possível em um todo significativo. Se uma teoria da personalidade não oferecer uma explicação razoável para pelo menos alguns tipos de comportamento, ela deixa de ser útil.

Direcionar Ações

O quarto critério de uma teoria útil é sua capacidade de orientar os profissionais ao longo dos difíceis caminhos do dia-a-dia. Pais, professores, gerentes de negócios e psicoterapeutas, por exemplo, são confrontados continuamente com uma avalanche de questões para as quais tentam encontrar respostas plausíveis. Uma boa teoria proporciona uma estrutura para que sejam encontradas muitas dessas respostas. Sem uma teoria útil, os profissionais tropeçariam na escuridão das técnicas de tentativa-e-erro; com uma sólida orientação teórica, podem identificar um curso de ação adequado.

Para o psicanalista freudiano e para o orientador rogeriano, as respostas para as mesmas questões podem ser diferentes. Para a pergunta “Qual é a melhor maneira de tratar este paciente?”, o terapeuta psicanalítico poderia responder com as seguintes afirmações: “Se as psiconeuroses são causadas por conflitos sexuais da infância que se tornaram inconscientes, *então*, a melhor forma pela qual eu poderia ajudar esse paciente seria aprofundar-me nessas repressões e permitir ao paciente que se liberte dessas experiências sem a presença de conflito”. Para essa mesma questão, um orientador rogeriano responderia: “Se, para crescer psicologicamente, as pessoas necessitam de empatia, de validação positiva incondicional e de um relacionamento com um terapeuta congruente, *então*, a melhor forma de ajudar o paciente é proporcionar uma atmosfera de aceitação não ameaçadora”. Perceba que os dois terapeutas construíram suas respostas de acordo com uma estrutura de *causa e consequência* (se, então), ainda que as duas respostas invoquem cursos de ação muito diferentes.

Também inclusa nesse critério está uma abrangência segundo a qual uma teoria estimula o pensamento e a ação em outras disciplinas, tais como arte, literatura (incluindo cinema e novela), direito, sociologia, filosofia, religião, ensino, administração de empresas e psicoterapia. A maior parte das teorias discutidas neste livro possui algum tipo de influência em áreas que não a psicologia. A teoria de Freud, por exemplo, deflagrou pesquisas

sobre memórias recuperadas, um tópico muito importante para os profissionais do direito. Da mesma forma, a teoria de Carl Jung é de grande interesse para muitos teólogos e atraiu a atenção de escritores populares como Joseph Campbell e outros. As idéias de Alfred Adler, Erik Erikson, B. F. Skinner, Abraham Maslow, Carl Rogers, Rollo May e outros teóricos da personalidade também despertaram o interesse em várias áreas do conhecimento.

Ser Consistente com seu Conteúdo

Uma teoria útil não precisa ser consistente com outras, mas consigo mesma. Uma teoria consistente com seu conteúdo apresenta componentes logicamente compatíveis. As limitações de seu alcance são cuidadosamente definidas e ela não oferece explicações que se encontrem além dele. Da mesma forma, uma teoria consistente com seu conteúdo usa a linguagem de forma coerente, ou seja, não utiliza dois termos diferentes para referir-se ao mesmo conceito.

Uma boa teoria usará conceitos e termos que foram definidos de forma clara e operacional. Uma **definição operacional** é aquela que define unidades em termos de eventos observáveis ou comportamentos que podem ser mensurados. Uma pessoa extrovertida, por exemplo, pode ser definida operacionalmente como qualquer indivíduo que obtenha uma pontuação predeterminada em um inventário específico de personalidade.

Ser Parcimoniosa

Quando duas teorias são iguais quanto à capacidade de produzir pesquisa, de ser refutável, de oferecer sentido aos dados, de orientar profissionais e de ser autoconsistente, a teoria mais simples é a preferida. Esta é a lei da **parcimônia**. De fato, obviamente, duas teorias nunca serão exatamente iguais quanto a estas capacidades; mas, em geral, teorias mais simples e diretas são preferíveis àquelas excessivamente carregadas de conceitos complicados e envoltas em linguagem esotérica.

Na construção de uma teoria da personalidade, os psicólogos devem começar por uma escala limitada e evitar grandes generalizações que busquem explicar todos os comportamentos humanos. Este curso de ação foi seguido pela maior parte dos teóricos discutidos neste livro. Freud, por exemplo, começou com uma teoria baseada essencialmente em neuroses histéricas e, ao longo de um período de muitos anos, a expandiu gradualmente para incluir cada vez mais aspectos da personalidade como um todo.



Dimensões para um Conceito de Humanidade

As teorias da personalidade distinguem-se com relação a conceitos básicos referentes à natureza da humanidade. Cada uma dessas teorias reflete os pressupostos de seu autor sobre humanidade. Esses pressupostos baseiam-se em amplas dimensões que distinguem os vários estudiosos. Utilizamos seis dessas dimensões para formar uma estrutura e demonstrar os conceitos de humanidade de cada um dos teóricos.

A primeira dimensão é o *determinismo* versus o *livre-arbítrio*. O comportamento das pessoas seria determinado por forças sobre as quais não têm nenhum controle ou as pessoas podem escolher aquilo que desejam ser? O comportamento pode ser parcialmente

livre e parcialmente determinado ao mesmo tempo? Embora a dimensão do determinismo *versus* livre-arbítrio seja mais filosófica do que científica, a posição que os teóricos assumem sobre esta questão molda sua forma de ver as pessoas e influencia em seu conceito de humanidade.

Uma segunda questão é a do *pessimismo versus otimismo*. Estariam as pessoas condenadas a uma vida miserável, conflituosa e problemática, ou podem mudar e crescer como seres humanos psicologicamente saudáveis, felizes e plenamente realizados? Em geral, os teóricos da personalidade que acreditam em determinismo tendem a ser pessimistas (Skinner era uma exceção notável), enquanto aqueles que acreditam no livre-arbítrio geralmente são otimistas.

Uma terceira dimensão para analisarmos o conceito de humanidade de um teórico é a da *causalidade versus teleologia*. Resumidamente, a **causalidade** sustenta que todo comportamento é o resultado de experiências passadas, enquanto a **teleologia** é a explicação do comportamento em termos de metas ou propósitos futuros. Será que as pessoas agem da forma como o fazem em conseqüência daquilo que lhes ocorreu no passado ou por que têm certas expectativas sobre o que acontecerá no futuro?

Uma quarta consideração que divide os teóricos da personalidade é sua atitude com relação aos *determinantes conscientes do comportamento versus determinantes inconscientes*. Será que as pessoas normalmente estão cientes das suas ações e das justificativas para elas, ou há forças inconscientes que lhes são impostas e que orientam suas ações sem que elas estejam conscientes dessas forças subjacentes?

A quinta questão é a das *influências biológicas versus influências sociais sobre a personalidade*. Seriam os indivíduos, em essência, portadores de características inatas ou suas personalidades são, na maior parte, moldadas pelas relações sociais? Um elemento mais específico desta questão é *hereditariedade versus ambiente*, ou seja, as características pessoais resultariam mais da hereditariedade ou seriam determinadas pelo ambiente?

A sexta questão é a da *singularidade versus similaridades*. Qual o elemento do indivíduo em maior destaque: sua individualidade ou suas características comuns? O estudo da personalidade deveria concentrar-se sobre os traços que tornam as pessoas parecidas ou naqueles que as diferenciam?

Essas e outras questões básicas que separam os teóricos da personalidade resultaram em teorias da personalidade bastante distintas, e não apenas em diferenças de terminologia. Não poderíamos eliminar as diferenças entre as teorias da personalidade ao adotarmos uma linguagem comum. As diferenças são filosóficas e muito arraigadas. Cada teoria reflete a personalidade individual de seu criador, e cada um deles apresenta uma orientação filosófica exclusiva, moldada, em parte, pelas primeiras experiências da infância, por filiação, por classe social, por gênero, por grau de instrução e por padrões de relacionamentos interpessoais. Essas diferenças ajudam a estabelecer se um teórico será determinista ou um adepto do livre-arbítrio, pessimista ou otimista, se aceitará uma explicação causal ou terá uma visão teleológica. Elas também ajudam a determinar se um teórico enfatiza consciência ou inconsciência, fatores biológicos ou sociais, singularidade ou semelhanças entre as pessoas. Essas diferenças, no entanto, não negam a possibilidade de que dois teóricos com conceitos de humanidade opostos possam ser igualmente científicos em sua coleta de dados e na construção de sua teoria.

Pesquisa sobre Teoria da Personalidade

Conforme já foi apontado, o critério fundamental de uma teoria útil é sua capacidade de produzir pesquisa. Também ressaltamos que as teorias e os dados de pesquisa apresentam uma relação cíclica: a teoria dá significado aos dados, e os dados resultam da pesquisa experimental, elaborada para testar as hipóteses geradas pela teoria. Nem todos os dados, contudo, decorrem da pesquisa experimental. Boa parte deles se origina de observações feitas por todos nós, todos os dias. Observar significa simplesmente perceber algo, prestar atenção.

Você vem observando personalidades humanas desde que nasceu. Já notou que algumas pessoas são falantes e descontraídas; outras são quietas e reservadas? Pode até mesmo ter classificado tais indivíduos como extrovertidos ou introvertidos. Será que essas classificações são precisas? Uma pessoa extrovertida é idêntica à outra? Uma pessoa extrovertida sempre age de modo loquaz e descontraído? Será que todas as pessoas podem ser classificadas como introvertidas ou extrovertidas?

Ao observar e formular questões, você está fazendo uma das coisas que os psicólogos fazem, ou seja, examinar o comportamento humano e tentar dar um sentido a essas observações. Contudo, os psicólogos, como outros cientistas, buscam ser *sistemáticos* para que suas *predições* sejam consistentes e precisas.

Para melhorar a habilidade de prever, os psicólogos da personalidade desenvolveram uma variedade de técnicas de avaliação, entre elas inventários de personalidade. Muitas das pesquisas relatadas nos capítulos seguintes baseiam-se em vários procedimentos de avaliação, os quais pretendem mensurar diferentes dimensões da personalidade. Para que esses instrumentos sejam úteis, devem ser, ao mesmo tempo, confiáveis e válidos. A **confiabilidade** de um instrumento de mensuração é sua capacidade de oferecer resultados consistentes.

Os inventários de personalidade podem ser confiáveis e, ainda assim, carecer de validade ou de precisão. **Validade** é a que grau um instrumento consegue medir aquilo que deve mensurar. Os psicólogos da personalidade estão, em essência, preocupados com dois tipos de validade: a validade de constructo e a validade preditiva. A *validade de constructo* é a capacidade de um instrumento medir um constructo hipotético. Constructos como extroversão, agressividade, inteligência e estabilidade emocional não têm uma existência física; são constructos hipotéticos, que devem estar relacionados ao comportamento observável. Três importantes tipos de validade de constructo são: *convergente*, *divergente* e *discriminante*. Um instrumento de mensuração tem validade de constructo convergente quando os resultados que obtém correlacionam-se (convergem), em grande medida, com os resultados obtidos em diversas outras medidas válidas do mesmo constructo. Um inventário de personalidade que busca mensurar extroversão, por exemplo, deveria correlacionar-se a outras medidas de extroversão ou a outros fatores, como sociabilidade e afirmação, que são conhecidos por acompanhar a extroversão. Um inventário apresenta validade de constructo divergente se tiver correlações baixas ou insignificantes em relação a outros inventários que *não medem* aquele constructo. Um inventário que tem por objetivo medir a extroversão, por exemplo, não deve ter correlação elevada à aceitação social, à estabilidade emocional, à honestidade ou à auto-estima. Finalmente, um inventário de personalidade tem uma validade discriminatória se fizer uma distinção entre dois grupos de pessoas notoriamente diferentes. Um inventário de personalidade que mensure a extroversão, por exemplo, deve apresentar resultados mais elevados para pessoas sabidamente extrovertidas do que para pessoas conhecidas por serem introvertidas.

Uma segunda dimensão da validade é a *validade preditiva*, ou o grau de previsão de um teste acerca de algum comportamento futuro. Um teste de extroversão, por exemplo,

tem validade preditiva caso se relacionem a comportamentos futuros, tais como fumar cigarros, obter bons resultados em testes de aproveitamento escolar, assumir riscos ou qualquer outro critério dependente. O valor definitivo de qualquer instrumento de mensuração é a que grau ele pode prever algum comportamento ou condição futuros.

A maior parte dos primeiros teóricos da personalidade não utilizava inventários padronizados para avaliação. Embora Freud, Adler e Jung tenham desenvolvido uma certa forma de instrumento de projeção, nenhum deles utilizou a técnica com suficiente precisão para estabelecer sua confiabilidade e validade. Contudo, as teorias de Freud, Adler e Jung ensejaram inúmeros inventários de personalidade, à medida que pesquisadores e clínicos buscaram mensurar as unidades de personalidades propostas por estes teóricos. Os teóricos da personalidade que se seguiram, especialmente Julian Rotter, Hans Eysenck e os teóricos dos Cinco Fatores desenvolveram e utilizaram diversas medidas de personalidade e basearam-se fortemente nelas para a construção de seus modelos teóricos.

Termos e Conceitos Essenciais

- O termo “personalidade” vem do latim *persona*, ou máscara, que as pessoas apresentam para o mundo exterior, embora os psicólogos vejam a personalidade como algo muito maior do que aparências exteriores.
- *Personalidade* inclui todos os traços ou características relativamente permanentes que dão consistência ao comportamento de alguém.
- Uma *teoria* é um conjunto de pressupostos relacionados que permite aos cientistas formular hipóteses testáveis.
- A teoria não deve ser confundida com *filosofia*, *especulação*, *hipótese* ou *taxonomia*, embora esteja relacionada a cada um destes termos.
- Seis critérios determinam a utilidade de uma teoria científica. (1) A teoria gera pesquisa? (2) É refutável? (3) Ela organiza e explica o conhecimento? (4) Ela sugere soluções práticas para problemas cotidianos? (5) Ela é consistente com seu conteúdo? (6) Ela é simples ou parcimoniosa?
- Cada teórico da personalidade teve um *conceito de humanidade explícito ou implícito*.
- Os conceitos sobre a natureza humana podem ser discutidos de acordo com seis perspectivas diferentes: (1) *determinismo* versus *livre-arbítrio*; (2) *pessimismo* versus *otimismo*; (3) *causalidade* versus *teleologia*; (4) *determinantes conscientes* versus *determinantes inconscientes*; (5) *fatores biológicos* versus *fatores sociais*; (6) *singularidade* versus *similaridades* nas pessoas.